

MOTIVAÇÕES, CONCEPÇÕES E EXPECTATIVAS ENVOLVIDAS NO FAZER-SE PEDAGOGO NA UFPI

Maria Vilani Cosme de Carvalho¹
Rosa Maria de Almeida Macedo²
Sueli Maria de Sousa³

Introdução

Neste trabalho apresentamos os resultados preliminares de parte de uma pesquisa realizada por um grupo de professores da Universidade Federal do Piauí – UFPI que teve como objetivo conhecer quem são os alunos do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação – CCE da UFPI, qual o sentido que atribuem ao saber e os sentimentos que desenvolveram/desenvolvem em relação ao aprender. A necessidade de investigar o tema surgiu a partir dos resultados de um estudo realizado por Carvalho (2004), que em sua tese de doutorado procurou descrever e explicar como os professores do Curso de Pedagogia da UFPI construíram e vivem a carreira de professor universitário na Instituição, levando-a a novos questionamentos a respeito da pessoa do professor e dos alunos. Os resultados apontaram que o contexto sócio-histórico e político-institucional se mostra desfavorável ao fazer-se professor, sendo também extensivo ao fazer-se aluno. Além desse estudo, as experiências vivenciadas por nós, professores, no nosso cotidiano nos mostram uma situação preocupante. Os professores, ao avaliarem o desempenho dos seus alunos têm encontrado, na maioria das vezes, resultados insatisfatórios e se queixam que estes são resultantes de atitudes de apatia, desânimo, desinteresse, falta de motivação e concentração, imaturidade emocional e intelectual e até mesmo desprezo pelos conteúdos que eles se propõem a ensinar. Do ponto de vista do aluno isso está relacionado à atuação do professor. Estes são acusados pelos alunos de desconhecerem a sua realidade, de falta de tempo para acompanhá-los e de planejarem conteúdos e desenvolverem atividades que não deixam claro o objetivo a ser alcançado, desmotivando com isso o desempenho e até mesmo a presença física em sala de aula.

¹ Professora do Departamento de Fundamentos da Educação – DEFE e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia da Educação – NEPPED.

² Professora do Departamento de Fundamentos da Educação – DEFE e Membro do NEPPED.

³ Aluna-bolsista – PIBIC do Curso de Pedagogia e Membro do NEPPED.

Diante desse quadro, que se mostra desfavorável ao fazer-se aluno, esse estudo se coloca como uma possibilidade de compreendermos não apenas o que os alunos estão aprendendo, mas, sobretudo se este aprendizado está contribuindo para a formação de condutas e capacidades necessárias para que eles se tornem cidadãos e profissionais crítico-reflexivos e com autonomia para escolherem e decidirem o que é melhor para si mesmos, para as instituições onde estudam e trabalham e, ainda, para a sociedade em que estão inseridos. A pesquisa teve, portanto o objetivo de conhecer quem são os alunos do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação – CCE da UFPI, qual o sentido que atribuem ao saber e os sentimentos que desenvolveram/desenvolvem em relação ao aprender. No intuito de alcançar este objetivo, buscamos, em uma primeira etapa, identificar os alunos do curso; delinear o perfil sócio-econômico, cultural, instrucional e profissional dos alunos; refletir o nível de compreensão que os alunos têm do curso e do seu futuro profissional. Em uma segunda etapa, buscaremos compreender o sentido que os alunos estão dando aos saberes ensinados no Curso e; compreender a natureza dos sentimentos que os alunos estão desenvolvendo em relação ao aprender.

A opção por estudar a problemática tendo como dado o discurso dos alunos se deve a duas razões: em primeiro lugar, porque temos a hipótese que parece não estar havendo um aprendizado satisfatório e que isto pode estar relacionado aos aspectos psicossociais, notadamente aos problemas relativos à subjetividade dos alunos, então neste caso, ninguém melhor que eles para contarem dos seus interesses, motivações, dificuldades, expectativas, relações com o saber e o aprender. Em segundo lugar, porque as pesquisas que estudam o aprendizado dos alunos não têm dado voz aos alunos, uma vez que o enfoque é dado mais ao discurso do professor a respeito dos alunos.

Na realidade, as explicações para o não aprendizado e/ou aprendizado insatisfatório, são inúmeras e fundamentam respostas que vão desde a estruturação e organização interna da Universidade (CUNHA, 1999), às políticas acadêmicas e identitárias do Ministério da Educação – MEC para as Instituições Federais de Ensino Superior – IFES, e, por extensão, para seus docentes e discentes (TRINDADE, 1999 e CUNHA, 2000), à proposta curricular do curso (COLL, 1996), aos saberes, competências e habilidades necessárias à formação e ao desempenho da prática pedagógica dos professores (PIMENTA, 1999 e MASETTO, 1999) até a diversidade dos problemas enfrentados pelos

alunos no processo de aprender (MARTINELLI, 2001), sobretudo suas dificuldades de aprendizagem (FONSECA, 1995 e JARDIM, 2001), sua apatia, desmotivação e desinteresse pelo saber (PATTO, 1990 e CHARLOT, 2000).

Se considerarmos que o não-aprendizado e/ou aprendizado insatisfatório podem levar a situações de fracasso e a histórias escolares que terminam mal, pois podem constituir fracassados, compreendemos que e “a questão do fracasso escolar remete para muitos debates: sobre o aprendizado, obviamente, mas também sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das ‘chances’...” (CHARLOT, 2000:14).

Sem dúvidas que os fatores ressaltados são variáveis intervenientes nos processos de ensino e de aprendizagem e, portanto, interferem na configuração da problemática que nos propomos a estudar. Contudo, considerando que essa problemática já foi e é exaustivamente estudada por outros autores e pesquisadores tendo como foco os fatores de ordem social e relativos ao mundo objetivo, isto é, ao contexto sócio-histórico e político-institucional, ao currículo e às práticas pedagógicas, nossa preocupação se volta, portanto para a compreensão dos fatores de ordem mais individual, pois entendemos que estes, por se relacionarem ao mundo subjetivo do aluno (seus interesses, necessidades e expectativas, motivações e escolhas, valores e crenças, atitudes e comportamentos, dentre outros aspectos psicossociais), podem não somente ampliar o foco de análise, mas, dar explicações mais significativas para o fato de os alunos estarem desinteressados pelo saber, desmotivados para aprender e desenvolvendo sentimentos desfavoráveis ao ser e fazer-se aluno e futuro educador.

Metodologia

Esse estudo foi e continua sendo desenvolvido como atividade de pesquisa do Programa de Iniciação Científica – PIBIC da UFPI, no ano de 2005 (segundo período) e de 2006 (segundo período) e envolveu além de três professores do Centro de Ciências da Educação – CCE, uma aluna-bolsista do Curso de Pedagogia.

Embora nessa primeira etapa da pesquisa tenhamos trabalhado para atingir três objetivos, nesse relato apresentamos apenas os resultados oriundos do objetivo específico

que buscou refletir o nível de compreensão que os alunos têm do seu curso e do seu futuro profissional.

Pela natureza do nosso objeto de estudo, o universo da pesquisa é o Curso de Pedagogia da UFPI e os sujeitos são os alunos. Como esse curso está organizado e funciona no sistema de Bloco fechado, na aplicação do instrumento de coleta de dados foram selecionados alunos dos diferentes blocos e turnos, priorizando aqueles dos primeiros e últimos blocos. Desse modo, foram aplicados 250 questionários, distribuídos nos blocos I noite, II manhã e tarde, V noite, VII noite e o bloco IX manhã e tarde. Dos 250 questionários aplicados foram recebidos 105, dos quais quatro foram considerados nulos, porque nem todas as questões estavam respondidas. Portanto, para esta análise foram utilizados 101 questionários.

O instrumento de coleta de dados foi escolhido tendo em vista a natureza do problema e do objetivo que elegemos para abordá-lo. Assim, utilizamos o questionário com questões fechadas e abertas, sendo que para essa parte da pesquisa consideramos as questões abertas. Quanto aos procedimentos de análise e interpretação dos resultados, estes foram organizados e estão sendo discutidos em torno de categorias temáticas, articuladas com os pressupostos metodológicos estabelecidos para este estudo e com o quadro teórico que lhes dá sustentação.

A opção por organizarmos o dado empírico em categorias, sobretudo aqueles oriundos de questionários com questões abertas, se faz porque é um procedimento orientado pela técnica de análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977), consiste em interpretar o que significa a mensagem oral e escrita em um discurso.

Apresentação dos resultados

Os dados oriundos das questões abertas do questionário foram organizados em torno de cinco categorias de análise, as quais nos possibilitaram chegar aos primeiros resultados dessa parte da pesquisa e que revelam: os motivos da escolha pelo Curso de Pedagogia; a importância do Curso para a vida do aluno; a importância do curso para a sociedade; as dificuldades encontradas na realização do Curso e as expectativas em relação ao futuro profissional.

A análise dessas cinco categorias nos permitiu apreender não somente a compreensão que os alunos têm sobre o Curso de Pedagogia, mas também suas motivações e expectativas no fazer-se pedagogo na UFPI.

1. Os motivos da escolha pelo Curso de Pedagogia

A primeira questão pedia que os alunos apontassem qual ou quais os motivos que os levaram a escolher o Curso de Pedagogia o que deu origem à Categoria 1 – Os motivos da escolha do Curso de Pedagogia. A partir desta Categoria, foram organizadas duas Subcategorias, os motivos de ordem interna ou pessoal e os motivos de ordem externa ou social.

Na subcategoria motivos de ordem interna ou pessoal foram incluídos todos os motivos referentes à própria pessoa e manifestados por 68 (67,3%) alunos, dentre os 101 que responderam ao questionário. Desse grupo de alunos, 45 (44,5%) disseram que a escolha do curso se deu porque houve uma identificação com o Curso, pelo fato de gostarem de “trabalhar com criança” ou por gostarem “de ser professora”. Enquanto isto, 12 (11,9%) alunos informaram que escolheram fazer o Curso de Pedagogia por já terem tido experiência anterior na área educacional, propriamente como professor ou atuando de forma indireta. Já 11 (10,8%) disseram que escolheram o Curso por razões como a “realização de um sonho”, “vocação”, “interesse próprio”, “ajudar o próximo”.

Na subcategoria motivos de ordem externa ou social foram agrupados os motivos relacionados a fatores da realidade objetiva dos alunos. Dentre os 101 alunos pesquisados, 87 (86,1%) manifestaram algum fator dessa ordem, sendo que 33 (32,7%) declararam que a escolha pelo Curso de Pedagogia se deu porque este é um curso universitário de “baixa concorrência”. Alguns alunos desse grupo explicam esse motivo argumentando que já haviam tentado o vestibular para outros cursos, porém não tiveram sucesso e por isso escolheram fazer Pedagogia como no seguinte discurso: “não consegui passar no vestibular pra Direito”. Outros nem chegaram a tentar aprovação no vestibular para outros cursos, pois, por “medo” de não serem aprovados escolheram Pedagogia. Este dado fica evidente nesses discursos: “menor concorrência por ter candidatos com nível mais baixo”; “menor concorrência. Queria passar no vestibular, não tinha a menor idéia do que fosse Pedagogia”. Por outro lado, 30 (29,7%) alunos informaram terem sido influenciados

por outras pessoas, sendo que 21 (20,7%) tiveram influência direta de familiares, especialmente de mães que são professoras, ao passo que os 9 (8,9%) restantes foram influenciados por outras pessoas como amigos e professores. Ainda nessa categoria, a maior oportunidade de trabalho se coloca também como um dos motivos para a escolha do Curso. 14 (13,9%) alunos disseram que como professores terão mais chance de conseguir emprego, pois segundo eles, esta é uma profissão que oferece um “leque” ou “amplas” oportunidades de emprego. Ainda aparecem como motivos de ordem externa a possibilidade que o curso oferece de preparação e qualificação, fator apontado por 4 (4%) alunos; o fato de o Curso ser considerado pelos candidatos como um curso “mais fácil” , porque teoricamente seria um curso que exigiria menos do aluno em termos de estudo (não tem matemática, não tem física...), motivo indicado por 3 (2,9%) alunos. E, por último, ainda aparece como motivo para escolha do curso, o interesse ou necessidade de adquirir um diploma de curso superior, razão apontada por 3 (2,9%) dos alunos pesquisados.

2. Importância do Curso para a vida do aluno

A segunda questão que deu origem à Categoria 2 – Importância do Curso na vida do aluno procurou saber dos alunos qual a importância do Curso de Pedagogia em suas vidas. A despeito de não saberem expressar com clareza o porque da importância do Curso em suas vidas, 94 (93%) alunos conseguem perceber algum tipo de importância, seja como pessoa ou como profissional. Sendo assim, dos 101 alunos, 51 (50,5%) vêem o Curso como algo muito importante, porque lhes possibilita uma formação profissional e pessoal. Para 37 (36,6%) alunos, a importância do curso nas suas vidas está na aquisição e ampliação de conhecimentos, no sentido de poderem compreender melhor a realidade que os cerca, o ser humano, além de poderem adquirir através deste conhecimento, uma visão crítica e reflexiva sobre a educação. A maior oportunidade de conseguir trabalho também aqui é apontada com sendo um fator de grande importância por 16 (15,8%) alunos que percebem que esse Curso vai lhes oportunizar ingressar no mercado de trabalho. Além destes, há ainda alunos que justificam a importância do curso buscando argumentos relacionados a fatores tanto de cunho pessoal como social. Os de cunho pessoal são manifestados por 15 (14,8%) alunos que afirmaram: “é a realização de um sonho”, “despertou o desejo de continuar estudando” ou ainda porque é “uma realização pessoal”. Os de cunho social foi

apontado por 7 (6,9%) alunos que destacaram a importância social do curso, visto que este contribui com a sociedade, com a educação. Isso ficou claro quando dois alunos enfatizaram o fato de que ao fazerem um curso superior se sentem “incluídos” e “igual a todos os que têm curso superior” e um outro aluno vê a importância do curso na sua vida apenas pelo fato de que através dele obterá um diploma de curso superior conforme o depoimento: “...agora que estou concluindo o curso sinto que alguma coisa ficou e o mais importante é que vou ter um “Diploma”.

3. Importância do Curso para a sociedade

Na terceira questão, Categoria 3 – Importância do Curso para a sociedade, também foi perguntado aos sujeitos sobre a importância do Curso, porém, agora, no contexto geral. Dos 101 alunos, 44 (43,5%), afirmam que o Curso é importante para a sociedade porque oferece às pessoas uma formação pessoal e social, permitindo um maior conhecimento da sociedade e tudo que a envolve e, com isso, a formação de cidadãos críticos frente a esta realidade. Já 33 (32,6%) alunos vêem a importância do Curso na oportunidade de qualificar melhor os profissionais da educação para atuarem com competência no mercado de trabalho. O Curso também é visto por 26 (25,7%) alunos como importante para a sociedade porque contribui, mediante a atuação dos seus profissionais, para as mudanças na sociedade, pois conforme o depoimento de um aluno o Curso oferece “os meios de mudança de uma sociedade analfabeta”. Por último, ainda fazendo parte desta categoria, temos 10 (9,9%) alunos que apontam a importância do Curso para sociedade na possibilidade de aquisição de conhecimento, como por exemplo, a melhor compreensão psicológica das crianças e do processo ensino-aprendizagem.

4. As dificuldades encontradas na realização do Curso

A quarta questão deu origem à Categoria 4 – As dificuldades encontradas na realização do Curso e teve como objetivo investigar quais as dificuldades sentidas pelos alunos do Curso de Pedagogia. Dos 101 alunos, 67 (66,3%) indicaram que as dificuldades estão relacionadas à atuação do professor. Dentre elas, são apontadas professores desmotivados, falta de domínio do conteúdo, falta de compromisso, falta de compreensão quanto à situação de alguns alunos, práticas repetitivas e cansativas. Por outro lado, 64

(63,3%) alunos atribuem as dificuldades sentidas no curso a eles mesmos, como: dificuldades para conciliar trabalho, estágio e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dificuldades de ordem financeira, falta de tempo para estudar, de leitura e compreensão dos textos. Também são apontadas por 27 (26,7%) alunos as dificuldades relativas à natureza e à organização do Curso, como a identidade do Curso (campo e competência), falta de clareza do currículo/dúvidas quanto ao currículo reformulado, estágio mal organizado, mal supervisionado e que não acrescenta nada à experiência. As condições de funcionamento da UFPI são indicadas por 23 (22,8%) dos alunos como dificuldades, uma vez que a instituição não oferece uma infra-estrutura adequada para funcionamento do Curso, sendo que a maior indicação se refere ao funcionamento da biblioteca setorial, tanto em termos do espaço físico como ao horário de funcionamento. Por exemplo, quem estuda a noite, segundo os alunos pesquisados, fica mais prejudicado, pois neste horário a biblioteca raramente funciona. Além disto, o acervo é desatualizado e insuficiente. Por fim, 11 (10,9%) sujeitos apontam dificuldades que estariam mais relacionadas às condições de funcionamento das Instituições de Ensino Superior – IES, como por exemplo, a contratação excessiva, segundo eles, de professores substitutos. Estes são apontados como mal preparados e descompromissados com o fazer pedagógico.

5. As expectativas em relação ao futuro profissional

Na quinta questão, Categoria 5 – As expectativas em relação ao futuro profissional, solicitamos aos alunos que apresentassem suas expectativas em relação ao seu futuro profissional. Dentre os 101 alunos pesquisados, 45 (44,5%) informaram que pretendem atuar na área da educação, seja como professores ou gestores. 25 (24,7%) alunos não deixaram isto claro, porém demonstraram o desejo e o interesse de prosseguir os estudos, sobretudo fazer um curso de pós-graduação, como especialização e mestrado. Alguns também informam desejar fazer outros cursos, como Psicologia, Jornalismo e, em especial o curso de Direito. Foi apresentado por 15 (14,8%) alunos o desinteresse em atuar na área da educação, ou seja, estes alunos têm expectativas de trabalhar em outras áreas, como por exemplo, fazer concurso público para cargos administrativos. Enquanto 8 (7,9%) alunos apresentam o desejo mais imediato de apenas concluir o Curso, 4 (3,9%) possuem

dúvidas e por isto não têm expectativas claras quanto ao seu futuro profissional, o qual, segundo eles, encontra-se ainda muito indefinido.

Tecendo algumas considerações finais

Como já explicitamos anteriormente, neste texto estão apresentados os primeiros resultados do estudo que realizamos. São resultados preliminares, dos quais pudemos tirar as primeiras inferências, mas que necessitam ser lidos, interpretados e compreendidos à luz dos pressupostos teóricos que elegemos para fundamentar esse estudo e que dizem respeito à: Psicologia Sócio-histórica de Vygotsky (1993, 1994, 1996), Psicogenética de Henry Wallon (1966, 1995) e, ainda alguns conceitos da Sociologia do Conhecimento de Berger e Luckmann (1985) e da Sociologia do Sujeito de Charlot (2000).

A opção por esta posição teórica tem sustentação no fato dela ter como pressuposto básico a determinação social, histórica e cultural de todos os processos psicológicos e se justificam porque, podemos afirmar, em princípio, que:

O homem ao nascer possui impresso no seu código genético todos os caracteres – traços e propriedades – comuns e intrínsecos à sua espécie e indispensáveis ao seu desenvolvimento e autodeterminação, para construir sua realidade objetiva e subjetiva. Assim, ao nascer, o homem já possui todas as particularidades específicas, formadas na história evolucionária da espécie humana, para desenvolver a sua sociabilidade e individualidade. No entanto, para ser um indivíduo, isto é, um membro da sociedade, precisa estar em interação com os outros, a cultura e a sociedade, pois é a interação social que por modos complexos dinâmicos possibilitará ao indivíduo interiorizar o mundo e definir todo o seu processo de desenvolvimento ontogenético, construindo, assim, seu psiquismo. (CARVALHO, 2004:18)

Nessa perspectiva teórica, tanto o aprendizado de conceitos, valores, atitudes, habilidades, como o desenvolvimento ontogenético dos alunos, ocorrem no plano das interações sociais e dependem das condições sócio-históricas e culturais em que alunos, professores e demais atores envolvidos no processo estão imersos. Assim, as motivações, as

concepções, as dificuldades e as expectativas dos indivíduos são enfocadas não como algo inerente aos alunos, mas determinados pelas suas condições de produção no contexto e espaço intersubjetivo em que estão inseridos.

Assim sendo, ainda carecendo de uma leitura mais consistente, os resultados encontrados nos permitem chegar a algumas conclusões e indagações. Por exemplo, ficou evidente que uma boa parte dos alunos que fazem o Curso de Pedagogia, foi motivada pela menor concorrência, quando na verdade desejavam, na época da escolha, ingressar em outros cursos considerados mais concorridos. Além disso, muitos alunos não optaram pelo curso de modo espontâneo, por interesse, mas porque foram influenciados por outras pessoas e pelas possibilidades reais de emprego. Esta constatação nos faz pensar dentre outros pontos se, os motivos que levam esses alunos a buscar o Curso de Pedagogia não teria alguma relação com o modo como eles constroem o fazer-se aluno, a importância que atribuem ao curso, tanto em suas vidas quanto na sociedade, as dificuldades que apresentam na trajetória acadêmica e de modo especial, as expectativas que constroem para a sua vida profissional. A leitura mais cuidadosa dos dados, baseada nos aportes teóricos já indicados poderá explicitar de modo mais claro estas e outras questões que estão emergindo no processo de interpretação dos resultados, tarefa que já está sendo realizada, e, com isso, explicitar tanto a compreensão que os alunos têm sobre o Curso de Pedagogia, como também suas motivações e expectativas no fazer-se pedagogo na UFPI.

Referências Bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Persona/Edições 70, 1977.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

CUNHA, L. A. A universidade brasileira: entre o taylorismo e a anarquia. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPEd, n.10, p.90-96, jan., fev., mar., e abr. 1999

_____. O público e o privado na educação superior brasileira: fronteiras em movimento? In: TRINDADE, H. (Org.). **Universidade em ruínas na república dos professores**. São Paulo: Vozes, 2000, p.39-56

CARVALHO, M. V. C. de. **Histórias de ser e fazer-se educador**: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias. São Paulo: PUC-SP, (Tese de doutorado), 2004.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. São Paulo: Artes Médicas, 2000.

COLL, C. **Psicologia e currículo**: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. São Paulo: Ática, 1986.

FONSECA, V. da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FRIZZO, M. N. A formação profissional do professor pela pesquisa e interação com a escola. **Revista Espaço da Escola**, Ijuí, RS: ed. UNIJUÍ, ano IV, n.31: jan./mar. 1999, p.31-42.

JARDIM, W. R. de S. **Dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental**. São Paulo: edições Loyola, 2001.

MARTINELLI, S. de C.. Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem. In: Sisto, F. F. ; BORUCHOVITCH, E. ; FINI, L. D. T. (Orgs.). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 99-121.

MASETTO, M. (Org.). **Docência na universidade**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 15-34.

TRINDADE, H. Universidade em perspectiva: sociedade, conhecimento e poder. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPEd, n. 10, p. 05-15, jan., fev., mar e abr. 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. & LURIA, A R. **Estudos sobre a história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WALLON, H. **Do acto ao pensamento**. Tradução de J. Seabra-Dinis. Lisboa: Portugalia, 1996. (Coleção Problemas, 10).

_____. **As origens do caráter na criança**. Tradução de Heloysa Dantas de Sousa Pinto. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.